

**Rio de Janeiro / Congresso Brasileiro de Psicanálise**

**Mesa Redonda – Eixo Social: “As compulsões como reflexo da ambigüidade das instituições sociais”**

## **O mal-estar contemporâneo e a felicidade paradoxal**

Aida Ungier

*“A grande ocupação, e a única que se deve ter, é viver feliz”.*

(Voltaire)

### **1 - Apresentação:**

Se a modernidade inventou a felicidade a contemporaneidade tornou o bem-estar uma paixão universal. A incitação ao gozo que invade o espaço da vida cotidiana parece desmentir Freud ao afirmar, em 1929, ser a felicidade um projeto não cogitado pela Criação. No entanto, esse hedonismo paroxístico, não impede que a dor psíquica nos assalte com seu rosário de sintomas, cabendo ao psicanalista a tarefa de acolher os exilados da corrente civilizatória. Hoje, carece acudir sujeitos obsedados pela onipresente voz de comando da mídia, que demanda, além da juventude eterna, o corpo perfeito, a potência sexual e profissional ideais, o sucesso, o novo, que se torna obsoleto já no nascedouro. Se o humano se constrói a partir do pulsional interagindo com o meio, precisamos desvendar o que no meio acontece para compreender as conseqüências subjetivas dessa interação.

As históricas, resistindo ao saber da medicina tradicional do século XIX, estimularam a busca de uma nova palavra da ciência, que decifrasse o discurso enigmático de seus sintomas – corpos desatinados que pareciam revelar as conseqüências funestas da moral sexual civilizada. Analogamente, a problemática sobre a qual me deterei, as compulsões, mais especificamente, o consumo desenfreado, ainda que represente apenas um recorte no universo do sofrimento psíquico, expõe a íntima relação entre a produção sintomática e a configuração do real no horizonte da contemporaneidade.

### **2 - Conhecendo a sociedade do hiperconsumo**

Observando o crescimento acelerado do consumismo nas últimas décadas, pude constatar que suas raízes são comuns às demais condutas de excesso atuais, assim como,

surpreendentemente, essas práticas se amparam nas regras que organizam os laços sociais. No início dos anos 80, recebi uma paciente com o diagnóstico de agorafobia. Porém, logo nas primeiras sessões, ela comentou estar proibida de realizar qualquer transação comercial, pois, com seu salário, seria impossível quitar as dívidas que contraíra. Carregava uma sentença que eu desconhecia “falência de pessoa física”. Dez anos mais tarde recebi uma segunda paciente com a mesma experiência, ainda que a queixa principal fosse um quadro de angústia, muitas vezes intolerável.

Nenhuma das duas, a princípio, considerava esses excessos uma compulsão, ou seja, uma forma distorcida de dar conta de um desejo permanentemente insatisfeito que se deslocava para o imperativo de comprar indiscriminadamente. Essa atividade foi sendo revelada pouco a pouco, sem crítica nem culpa, algo sem importância, que as livrava, temporariamente, do verdadeiro sofrimento. Hoje, generalizou-se a expressão “estar pendurado” no cartão de crédito ou no cheque especial. O que era endêmico passou a epidêmico e, se essa transformação evidencia a intrincada relação entre o psíquico e o social, recorro a outros saberes, a fim de avaliá-la.

Como as ciências humanas demonstram, a primeira modernidade, parida pela revolução copernicana, assistiu à explosão científica do século XVII e à queda da monarquia na França, marcada pelo símbolo eloqüente da decapitação do rei. Infelizmente, a morte do rei não promoveu a liberdade pretendida, trocou-se a submissão à onipotência divina, pela servidão ao Estado Moderno e à nova ordem do mundo, agora centrada no registro político. Mais recentemente, ao descrever como se constituiu no Ocidente a sociedade democrática, que gerou a segunda modernidade, Foucault (1974) demonstrou que o poder, a essa altura, se exercia sobre os corpos, com a finalidade de torná-los instrumentos adaptados às necessidades do capitalismo florescente. O discurso, neste caso, era uma ferramenta fundamental, afinal na democracia a retórica da persuasão detém um valor inestimável, estando o exercício do poder diretamente articulado com o saber - saber convencer as massas - tecendo assim, diferentes modalidades de servidão.

Freud (Freud, 1908) criticou, severamente, esse movimento: o mal-estar civilizatório adviria da interdição ao gozo em favor do progresso tecnológico, dificultando as soluções sublimatórias e promovendo dificuldades nas relações sociais. Com o conceito de pulsão de morte essa crítica tornou-se ainda mais radical. Teorizada a partir da compulsão a repetição, apontava um imperativo que impunha ao psiquismo

uma ação, sobre a qual, o sujeito não poderia deliberar. Ou seja, o aporte pulsional não simbolizado transformava o pensar em agir.

A reflexão freudiana sobre a raiz da destrutividade destacou o conceito de masoquismo na teoria e na clínica psicanalítica, antecipando em algumas décadas, o fenômeno social hoje reconhecido como a “liquefação dos ideais” (Bauman, 1998). Surgido com a modernidade tardia, este fenômeno obrigou os sujeitos a se estruturar não mais amparados pela tradição, porém, através de um complexo processo de escolhas e adesões que se apresentam caso a caso, revelando o desamparo conseqüente à ausência da segurança oferecida pela tradição, como Freud denunciara em 1937 ou à falência da função paterna, como afirmou Lacan, em 1938. O masoquismo seria uma modalidade de subjetivação através da qual o sujeito evita o horror do desamparo submetendo-se ao outro. A dor é apenas conseqüência e não causa da servidão.

Na contemporaneidade a pulsão de morte pode se manifestar, por exemplo, na indiferença com que tratamos os variados tipos de compulsão, sinalizando que essas práticas seriam estratégias aceitáveis de enfrentar o mal-estar. As toxicomanias não se restringem ao uso de drogas ilegais produzidas pelo narcotráfico, porém, pelo uso das drogas legalmente prescritas. Além do álcool e do fumo a comida também se destaca nas compulsões atuais. Ao mesmo tempo atraente e repugnante, é repelida face à ordem de que um corpo belo é um corpo magro, gerando todo tipo de distúrbios alimentares. A voracidade tornou a obesidade um problema de saúde pública. Paralelamente, o mercado da moda elevou a modelo anorética ao padrão ouro de beleza universal. Oscila-se entre devorar para preencher o vazio, ou tornar o vazio a derradeira vitória sobre o desamparo, por abraçá-lo de peito aberto, como as bulímicas ou, no caso extremo, as anoréticas, que comem “nada”.

Enfim, o consumo, fruto da segunda modernidade e que se desenvolveu a partir das novas orientações do capitalismo que apostam no caminho da estimulação perpétua da demanda e da multiplicação indefinida das necessidades. Segundo Gilles Lipovetsky (Lipovetsky, 2008), o consumo tomou o lugar da economia de produção, promovendo uma reviravolta na relação com as coisas, com o tempo e com o outro. A febre de conforto ultrapassou as paixões nacionais, bem como os lazeres deixaram para trás a revolução. No hiperconsumo das últimas duas décadas, evoluiu-se para um imperativo de mercantilizar todas as experiências, todos os lugares, a toda hora e em qualquer

idade. Ou seja, cada um pode construir *à la carte* seu emprego do tempo, remodelar sua aparência, moldar sua maneira de viver.

A partir de um *slogan*, colhido em um jornal londrino, Bauman ilustra este fenômeno (Bauman, 2007). “*Meia dúzia de visuais-chave para os próximos meses, que vão colocar você à frente da tendência de estilo*” - anuncia aquilo que deveremos ser na próxima estação, aponta uma identidade líquida, dependente da preferência por um ou outro estilo, cuja tendência podemos antecipar. Ou seja, para pertencermos a um determinado grupo de referência, há uma tendência a seguir. Além disso, ficamos advertidos de que aquilo que somos é fluido, serve apenas “para os próximos meses”. Enfim, há uma liberdade ilusória nessa oferta de “meia dúzia de visuais”. Somos livres para escolher, porém, não controlamos aquilo que está disponível para escolher. Segundo Bauman, a síndrome cultural consumista consiste, acima de tudo, na negação enfática da virtude da procrastinação e da possível vantagem de se retardar a satisfação. Ela degradou a duração e enalteceu a efemeridade, reduzindo o espaço de tempo entre o surgimento do desejo e sua realização; colocou o ato da apropriação seguido imediatamente pela remoção do lixo - a “tendência de estilo” ultrapassada; tornou abjeta a aquisição de posses destinadas a serem duráveis ou a terem um aproveitamento duradouro. “Ela envolve velocidade, excesso e desperdício”. (Bauman, 2007, p. 111)

### **3 – Quando o bem-estar suscita mal-estar**

Não é novidade para a psicanálise o que nos apresentam esses autores. No entanto, fomos surpreendidos pela carência de recursos para enfrentar os desafios da clínica contemporânea, fundamentados em uma teoria apoiada no sujeito produzido pela modernidade. Freud, apesar do conceito de pulsão de morte, balizou a estrutura da subjetividade a partir das vicissitudes das relações parentais, colocando o complexo de Édipo no âmago da questão humana. Hoje, todavia, os heróis com quem poderíamos nos identificar estão “morrendo de *overdose*” (Cazuza, 1988), confirmando o declínio da estrutura que, na teoria freudiana, sustenta a trama social. Se por um lado o discurso da ciência tomou o lugar da palavra, da tradição, trazendo inumeráveis benefícios, por outro, o sonho de universalismo, provocado pela fragmentação do nome-do-Pai, não redundou em multiculturalismo, porém, em segregação.

Nossa tarefa como psicanalistas, se torna ainda mais problemática se admitirmos que o hiperconsumo, assim como as toxicomanias ou os distúrbios alimentares, são as conseqüências naturais e esperadas do projeto sócio-econômico da pós-modernidade.

Na segunda metade de 2008, por exemplo, quando se instalou mundialmente uma crise financeira de ilimitadas perspectivas, houve preocupação por parte dos governantes em flexibilizar o crédito, para evitar uma queda no consumo, especialmente, nas vizinhanças do Natal, promovendo, como consequência indesejável, o avanço do desemprego em escala planetária.

Neste caso, como diagnosticar o consumista, absolutamente adequado ao seu tempo e às suas possibilidades financeiras, do consumidor compulsivo? Cito como exemplo, a mãe de uma paciente que se deu conta de que algo não ia bem com a filha adolescente, quando percebeu que esta possuía “quase uma centena” de calças jeans. Eu pergunto: quem pagava a conta do cartão de crédito, nunca percebeu este excesso? Por que possuir “uma dezena” já não é suficiente? Aonde se guardam noventa calças jeans sem que alguém se inquiete? Vou mais longe: quantos dentre nós leu todos os livros ou escutou todos os CDS que comprou no último mês? Tratamos esses atos apenas como caprichos, sem avaliar que somos guiados por uma ordem que nos ultrapassa. *Compra!* Diluiu-se o limite entre o recomendável e o patológico.

No lugar dos sintomas centrados no conflito psíquico, que guardam uma ligação direta com o simbólico, o mal-estar atual evidencia um excesso pulsional que o aparelho psíquico não dá conta de simbolizar, à semelhança do que ocorre na situação traumática. Essas compulsões poderiam ser compreendidas como uma tentativa de descarga. O sujeito oculta o vazio interior transformando o sofrimento psíquico em dor pela falta de um objeto qualquer, gerando uma busca incessante e descontrolada. A benção da cultura permite, a ele, evitar o sofrimento que, por desconhecer não elabora.

Esta solução sintomática traz a ilusão de se poder ignorar o princípio da realidade. O conceito de inconsciente trouxe como corolário seu princípio regulador, o princípio do prazer. Todavia, a convivência com o meio impõe outro princípio, o da realidade. O desejo clama por satisfação, no entanto, ela precisa ser adiada ou coibida em prol da civilização (Freud, 1911). Segundo Bauman, uma vez expostos à lógica dos mercados de bens de consumo e com a obrigação de fazer suas próprias escolhas, os consumidores encontram invertida a balança entre os dois princípios. Na modernidade a estrutura social estimulava a poupança, barrando o gozo sem limite. Na contemporaneidade, o princípio da realidade está “no banco dos réus” (Bauman, 2008, p. 117), a incitação ao gozo desestimula a construção das barreiras que poderiam conter os excessos.

Para Freud, seria impossível pensar em civilização sem coerção; entretanto, Bauman aponta que os sofrimentos mais comuns nos dias de hoje são conseqüentes a um excesso de possibilidades, e não a uma profusão de proibições. A oposição entre possível e impossível superou a antinomia do permitido e do proibido, como arcabouço cognitivo e critério essencial de avaliação e escolha da estratégia de vida, gerando uma depressão nascida do “terror da *inadequação*” em lugar da antiga neurose causada pelo “horror da *culpa*” (Bauman, 2008, p. 121).

### **Conclusão: A felicidade paradoxal**

O capitalismo de consumo coroou a fé otimista na felicidade pela técnica e pela profusão de bens materiais, apesar dessas inovações trazerem, por fim, mais inquietação e ceticismo do que entusiasmo. O hiperconsumismo furioso é devastador para o equilíbrio mental e social, escravizando o sujeito ao dinheiro e às mercadorias, reduzindo a importância da vida social, atrofiando os bens relacionais, engendrando um modo de viver que Lipovetsky denominou “felicidade paradoxal”. Todavia, o hiperconsumidor já não visa mais, apenas, o bem-estar material, porém, conforto psíquico e harmonia interior, evidenciados no florescimento das técnicas de desenvolvimento pessoal, no sucesso das sabedorias orientais, nos guias de auto-ajuda. Se os grandes referenciais tradicionais e históricos estão esgotados, cada um retoma, por sua conta e risco, a busca da felicidade interior.

Por que? Ora, na ordem social tradicional, a longa duração das instituições, norteava o sujeito, oferecendo segurança e certeza, traçando de forma precisa a cartografia do mundo, com suas possibilidades e impossibilidades, regulando a experiência originária do desamparo. Na modernidade líquida (Bauman, 1998), o efêmero promove tal desmapeamento do mundo tradicional, que deixa a céu aberto a ferida do desamparo. Não existe nenhuma garantia, pois tudo que era sólido desmanchou-se no ar ...

Com Freud, o desejo se enunciava como o catalisador possível das transformações da subjetividade, permitindo, através de sua expressão, a reinvenção de nossa história. A contemporaneidade construiu um modelo de subjetividade na qual as possibilidades de reinvenção simbólica do sujeito e do mundo estão prejudicadas, porque o desejo se desvanece na ênfase consumista da posse do objeto, em detrimento dos registros do outro e da alteridade, valores que revelam a finitude, a incompletude e a incerteza humana. É desse encontro que o sujeito contemporâneo foge, afastando o

contato consigo mesmo e fazendo curto-circuito de sua dor, através das mais variadas formas de evitação (Birman, 2006). Abençoado pelo imperativo do mercado – Compra! Goza! – ele pode evoluir do consumo para a compulsão.

Em 1937, Freud apontou o desamparo humano diante da falta de enunciados totalizantes, o que tornou a feminilidade o registro fundamental do erotismo e o emblema essencial da contemporaneidade, por revelar nossa corporeidade, finitude e a incerteza de nossas ações. O desamparo, matéria prima da psicanálise em virtude desta perda inelutável, faz de nossa tarefa uma estilística, uma artesanaria da singularidade, pois, como demonstraram todos esses autores, as novas perturbações da alma não seriam consideradas enfermidades, no sentido tradicional da medicina, porém, dissonâncias em resposta à ausência de qualquer referencial universalizante para o sujeito (Birman, 1997).

Se a possibilidade de simbolização corre perigo, parece oportuno recuperar o conceito de sublimação, vicissitude pulsional postulada por Freud para explicar as atividades humanas que, aparentemente, não têm nenhuma relação com a sexualidade, ainda que esta seja usada como força propulsora. A arte, a religião, a ciência, o direito, a ética, a própria civilização, seriam fruto dessa sofisticada estratégia de contornar o recalque, através da transferência da libido objetual para o eu, dessexualizando-a, seguida de seu investimento em atividades de cunho social (Freud, 1923). Por não receber de Freud uma abordagem mais elaborada, este conceito foi deixado em aberto e freqüentado por inúmeros comentadores, como Lacan, por exemplo, que o releu a partir da metáfora “heideggeriana” do vaso, cuja função está no vazio. Para ele, a aquisição da linguagem provocou a desnaturação do sujeito, o surgimento do vazio no real da Coisa (*das Ding*), objeto freudiano, irremediavelmente perdido. Para dar sentido a essa falta, o sujeito convoca, então, quantos significantes forem necessários, contornando-a. A palavra surge como uma obra de arte, permitindo a ultrapassagem do desamparo pela perda da Coisa, levando-o, então, a afirmar que nesta operação, o objeto é elevado, pontual e fugazmente, à dignidade da Coisa (Lacan, 1959-60).

Um lapso de tempo se faz necessário para circunscrever o vazio, aproximando, então, a sublimação do trabalho do luto: em ambos os casos, o vazio pode ser tratado pela simbolização, recurso empobrecido em nosso tempo. Segundo Recalcati, na contemporaneidade vive-se uma experiência de “mobilização generalizada” (Recalcati, 2004, p. 224), que torna a existência maníaca. Trata-se de um vazio que demanda

convulsivamente preenchimento. Ele cita, então, Bion, que define a posição do toxicômano como a daquele que não pode esperar. O tóxico, como os bens de consumo, são uma tentativa de intrusão da Coisa no lugar da sublimação da Coisa faltosa, uma tentativa de abolir a falta. Não se trata de um conflito pulsional. Esta solução está para além da divisão subjetiva, ela não cria algo novo a partir do vazio, ao contrário, ele se torna um sólido, um objeto de gozo, um fetiche mortífero. Se a falta faltar, dilui-se a possibilidade de engendrar a palavra, o sentido, o sujeito.

Do outro lado da Mancha, Winnicott (Winnicott, 1953), também às voltas com a importância de simbolizar, recurso imprescindível para o bem-estar do sujeito, introduziu um conceito revolucionário que nos permite dialogar com a teoria lacaniana. Trata-se do conceito de espaço transicional. Este espaço descreve a transição temporal entre o objeto subjetivamente concebido e o objeto objetivamente percebido. Surgido a partir da unidade inicial mãe-bebê afirma o paradoxo de não pertencer nem a um nem a outro, não ser interno nem externo. É um espaço sagrado onde eternamente se engendram os símbolos e se alicerça a cultura. Assim como o vazio, surgido pela perda inelutável do objeto, pode ser contornado pelo significante, surgindo a palavra; no espaço transicional o mal-estar pode receber o continente simbólico que promove o pensar no lugar do agir desatinado.

Como afirmou Lipovetzky (Lipovetsky, 2008), a era da felicidade paradoxal exige soluções paradoxais e, como psicanalistas, estamos implicados nessa tarefa, porque não há esperança de uma vida melhor se não rediscutirmos o imaginário da satisfação completa e imediata, se nos ativermos apenas ao fetichismo do crescimento das necessidades comercializadas. Para ele, o tempo das revoluções políticas está terminado, o que não nos exime da responsabilidade de reequilibrar a cultura consumista e recriar permanentemente novos modos de viver.

### **Bibliografia:**

- Bauman, Z. *O Mal-estar na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998  
..... *Vida para Consumo – A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 2008
- Birman, J. “A mais-valia vai se acabar, seu Joaquim: sobre o mal estar na psicanálise” (1997) in *Cultura da Ilusão*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria Ltda, 1998

- Birman, J. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2006
- Cazuza (1988) *Ideologias*. Música Popular Brasileira
- ..... *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006
- Foucault, M. *Microfísica do Poder* (1979). Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998
- Freud, S. *Edição Standard das Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.
- 1908 – “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”
- 1911 – “Os dois princípios do funcionamento mental”
- 1923 – *O Ego e o Id*
- 1930 – *O mal-estar na civilização*
- 1937 – *Análise terminável e interminável*
- Lacan, J. *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo (1938)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993
- ..... *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988
- Lipovetsky, G *A felicidade paradoxal – Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- Recalcati, M. “Destinos Contemporâneos da Sublimação” (2004), in *Latusa. Rio de Janeiro, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 2005, Vol. 10, Sinthoma, corpo e laço social*
- Winnicott, D.W. “Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais” (1953) in *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975

### **Resumo:**

A autora admite que um dos desafios para a psicanálise na contemporaneidade reside no fato de que ela se defronta com distúrbios que estão para além do conflito, caracterizando-se por excessos pulsionais que o aparelho psíquico não consegue simbolizar e cujas soluções sintomáticas se apóiam nas regras que organizam os laços sociais. Para tanto, utiliza as contribuições de Bauman e Lipovetsky e aposta na retomada da reflexão sobre o conceito de sublimação, estratégia ímpar para enfrentar a violência da pulsão de morte que subjaz a esse fenômeno.

### **Abstract**

The author assumes that one of the challenges for psychoanalysis in contemporaneity is that it faces some disturbs which go beyond the conflict, which are characterized by pulsional excesses that the psychic apparatus is not able to symbolize, and which symptomatic solutions lie on the rules that organize social links. For in such a way, she uses the contributions of Bauman and Lipovetsky and bets on the retaken of the thoughts about the concept of sublimation, a unique strategy to face the violence of death pulsion which underlies such phenomenon.

## **Resumen**

La autora admite que uno de los desafíos para el psicoanálisis en la contemporaneidad se ubica en el hecho de afrontarse con disturbios más allá del conflicto, que se caracterizan por excesos pulsionales a los que el aparato psíquico no suele simbolizar, generando soluciones sintomáticas que se apoyan en las reglas organizadoras de los lazos sociales. Para eso la autora utiliza las contribuciones de Bauman y Lipovetsky y apuesta en la renovación de la reflexión sobre el concepto de sublimación, estrategia impar para afrontar la violencia de la pulsión de muerte presente en ese fenómeno.

Aida Ungier. Psiquiatra. Psicanalista. Membro Efetivo da SBPRJ. Mestre em Teoria Psicanalítica pelo Departamento de Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ.

aidaungier@globo.com

Res.: Av. Henrique Dodsworth, 180 / 602. Lagoa. Rio de Janeiro. 22061-030

Tel.: 22879060 ® / 22394068 ©